

ONÇAS: SOBRE MULHERES E INFÂNCIAS

(início do processo de escrita)

Personagens

Crianças

- **Inê** - Criança menina que brinca e transita entre os mundos
- **Ray** - Amiga de Inê e habitante de seu mundo
- **Méfri** - Amiga de Inê e habitante de seu mundo
- **Isis** - Amiga de Inê e habitante de seu mundo
-

Mães

- **Mãe Carmem** - Mulher papeleira - de fibra de folhas
- **Mãe Maria** - Mulher tecelã - costura com o corpo todo
- **Mãe Zoleide** - Mulher benzedeira - vê o brilho das folhas
- **Mãe Lázara** - Mulher cozinheira - cozinha com os sentidos

Encantada

- **Lenita** - Pescadora

PRÓLOGO - SAGUÃO DO TEATRO

Há um grande mapa que representa o mundo (ou apenas a América antes da colonização.) Uma frase orienta para que as pessoas coloquem uma tachinha: *Trace sua miscigenação. Caso não consiga vá para o quadro ao lado*

Neste outro quadro tem a seguinte frase: *Invente sua miscigenação a partir do que gosta de fazer.* Nas opções há exemplos de saberes ancestrais: brincadeiras, comidas, ações diárias com referências de locais no mundo que destacam esses costumes.

CENA 1 - MALOCA DAS ONÇAS - entrada do público e início da peça

[Só se veem as silhuetas dessas figuras, seja por luz ou pelo cenário que as difusa, o barulho de água e sonoridades da natureza estão presentes]

É a maloca das mulheres daquele local, que beira um rio e está fora da cidade. Aqui estão quatro figuras completamente diferentes uma da outra: Mãe Carmem, a papeleira de fibra, Mãe Maria, a tecelã, Mãe Zoleide, a benzedeira e Mãe Lázara, a cozinheira. A primeira descansa numa posição bem largada como se a tivessem jogado ali, enquanto a outra se esforça para deixar seu canto no formato e textura ideal para se acomodar, puxando a terra do chão com sua mão incessantemente; a terceira prefere ficar atenta a qualquer movimento ou barulho, em estado de vigília; e a quarta está preparando a cozinha a sua maneira.

A sonoridade dos afazeres da cozinheira começa a se destacar. A benzedeira começa a enxergar o brilho das plantas e as colhe para fazer seus remédios. Do estado largado no chão, a papeleira recolhe folhas secas numa coreografia em plano baixo para fazer seus papéis de fibra. Por fim, a tecelã consegue se acomodar, pega seus apetrechos e inicia sua costura. As sonoridades desses afazeres vão formando uma música que desenvolve para um canto de trabalho

- inspiração - Olha a onça de Fulkaxó

<https://open.spotify.com/track/4SgEFTBOdDvRf7ELOE8ged?si=93c067d153ba4c1b>

A intensidade dessa dança e música de afazeres aumenta até que as figuras se misturam de modo a configurar uma grande mulher revelada pelo silêncio e por uma nova luz ou por um movimento do cenário, transformando o ambiente.

A grande mulher feita das quatro atrizes solta um grande barulho com a boca que pode ser um ápice desse canto a quatro vozes. Dessa figura, se desprende uma delas e se posiciona ao lado. É a tecelã.

MÃE MARIA - Chegou a hora.

MÃE CARMEM - Tem certeza, Maria?

MÃE MARIA - Se me chamam, não posso deixar de ir.

MÃE ZOLEIDE - Se precisar de proteção... (lhe dá um amuleto, um colar com um osso)

MÃE LÁZARA - Se precisar se nutrir... (pega uma pequena torta, embrulha em um tecido e lhe dá)

MÃE CARMEM - Se precisar olhar pras suas palavras ... (lhe dá um caderninho de folhas de bananeira)

MÃE MARIA - Sou muito agradecida, comadres. Isso é pra vocês. (dá um bordado bem grande com a imagem das quatro e de Inê e um mapa iniciado, sempre referenciando as onças, as mães penduram na parede) Vocês já sabem, né!? (respondem que sim com a cabeça) Agora vou lá.

Volta o canto. Sai levando os presentes que recebeu e uma bolsa. As três seguem cantando e realizando seus afazeres.

CENA 2 - O INVENTÁRIO E A DOR

Aqui há uma passagem de tempo. Aparece em cena, a menina Inê, com aproximadamente 12 anos.

Nessa cena a menina está preparando seu inventário, uma espécie de tesouro que vai ser enterrado. Ao lado dela paira uma onça que a observa e a ajuda sem ela perceber.

INÊ - Estilingue e as 5 marias. Meus amuletinhas e a máscara assustadora. O bicho de graveto e a coroa de cipó. Semear brincadeira pra florir infância de quintal.

Fecha a caixa e enterra.

Termina sentindo um leve incômodo na região do útero.

INÊ (gritando) - Mãe Zoleiiiiide. Preciso de hortelã pro meu banho, to com doooooo.

MÃE ZOLEIDE (grita de fora) - Tem que colher no jardim!

Menina vai até um canto cheio de plantas e colhe. Pega água numa bacia, mistura a hortelã e se banha em uma dança. A onça sempre acompanhando. Inê sai e a cena se monta com as mães cantando e em seus afazeres.

CENA 3 - A HERANÇA

Volta Inê, com o cabelo molhado, brincando com um objeto que faz o som de rio e começa a movê-lo na região de sua cabeça como se as águas contassem um segredo complementando o canto das mães com pequenos rugidos, até que o barulho cessa. As mulheres continuam seus afazeres.

INÊ - Que cheiro bom Mãe Lázara. Até abriu uma buraqueira aqui na minha barriga.

MÃE ZOLEIDE - Deixa eu cheirar?

Inê chega perto e mãe Zoleide a cheira.

MÃE ZOLEIDE - A hortelã é milagrosa. Agora só esperar que a dor vai passando.

INÊ - Vai demorar muito pra gente comer, Mãe Zoleide?

MÃE CARMEM - Quando a lenha do papel apagar, pode ter certeza que vai estar pronto.

Inê vai olhar o forno pra ver como está a lenha. A lenha apaga. Inê e Mãe Carmem se olham, sorriem e preparam o local de alimentação juntas.

INÊ - Posso pegar a panela dessa vez Mãe Lázara?

MÃE LÁZARA - Pode, mas a Mãe Carmem te acompanha.

Sentam, fazem uma reza antes de começar a comer e iniciam a comilança. Alguns comentários sobre o cheiro, textura e sabor da comida aparecem, até que o assunto "mãe Maria" sai de Inê.

INÊ - Sabe, eu gosto muito desse desenho de fio. (apontando para o bordado de Mãe Maria.) Se a Mãe Maria estivesse aqui eu poderia dizer isso pra ela e ela bem que poderia me ensinar a fazer tudo isso. Eu queria muito ter conhecido ela. (todas se olham em silêncio). Não me levem a mal, eu amo muito vocês e tudo que vocês me ensinam, mas eu queria mesmo era saber tecer, desenhar a vida com fios.

MÃE LÁZARA - Pra isso você precisa praticar, na verdade pra tudo é assim. Você acha que eu já nasci sabendo escolher o alimento e temperar? Aprendi bastante com os bichos, vendo o que eles comiam e fui experimentando, fui errando bastante, ainda erro as vezes, mas aí o alimento se transforma e vira outra coisa que podemos dar um nome novo. (riem)

MÃE ZOLEIDE - (para as mães) Chegou a hora, né?

As outras mães respondem que sim com a cabeça. Mãe Zoleide pega o tecido e envolve em Inê.

MÃE CARMEM - Mãe Maria deixou isso pra você. Falou que era pra gente te dar quando a vontade de tecer viesse.

INÊ - Mas é de vestir ou de costurar?

AS TRÊS MÃES - Os dois.

MÃE ZOLEIDE - Você pode vestir quando quiser estar pertinho da sua gente, ou quando estiver frio.

MÃE CARMEM - Você também pode ir tecendo a sua história nele.

INÊ - Mas eu nem sei fazer essas coisas.

MÃE LÁZARA - Você precisa praticar muito. Aqui estão, fios e agulhas. (dá uma bolsinha com as coisas para Inê) Lembro de Mãe Maria, sempre procurava um lugar bem confortável pra fazer isso.

MÃE CARMEM - Ela cantava enquanto fazia. Às vezes alto, às vezes baixinho.

MÃE ZOLEIDE - A sua dor passou?

INÊ - Tá melhor.

MÃE ZOLEIDE - Quando Mãe Maria ficava com dor nas costas, nas mãos e nos braços tomava banho de hortelã, que nem esse que você tomou. E desinflama tudinho.

INÊ - Nossa... (olhando maravilhada e tendo uma ideia) Já terminei, posso ir brincar?

As mães consentem, ela vai saindo com o manto.

AS MÃES - Cuidado com seu manto.

CENA 4 - AS BRINCADEIRAS

Inê começa brincar com seu manto. Nisso, as amigas chegam.

MÉFRI - Olha o manto dela! Que lindo.

INÊ - Viu, parece que chegou a hora de eu aprender a tecer. Enquanto não sei, vou praticando pra preencher esse mapa aqui.

ISIS - Você já enterrou seus lembrados?

INÊ - Sim, hoje. E logo depois recebi isso.

RAY - Quem é essa aqui?

INÊ - A Mãe Maria, foi ela quem deixou pra mim. Vocês sabem, foi ela que foi embora quando eu era bem pequenininha.

ISIS - E os lembrados dela, ela nunca desenterrou?

MÉFRI - Tem um lugar que as mulheres mais velhas enterravam. Uma das minhas mães me contou. É do outro lado da rio, antes de ter tanta cidade lá.

RAY - Ah pra lá a gente não pode ir ainda.

ISIS - Nem tem como atravessar. A pescadora já disse que é perigoso.

(um silêncio se instaura)

MÉFRI - Então, vamos brincar vai?

Todas se olham e INÊ, ISIS E RAY gritam "TÁ COM VOCÊ" apontando para MÉFRI

MÉFRI - A partir de agora eu sou a encantada e quando eu fechar os olhos, vocês serão desencantadas. Um, dois, três e já!

Faz uma cantoria de contagem, enquanto as outras meninas se camuflam e o ambiente se torna uma espécie de museu de animais empenados. Inê sai de cena como se fosse se esconder bem longe dali.

MÉFRI - Atenção desencantadas...lá vou eu...

Em bastante silêncio, começa a percorrer o espaço sem notar a camuflagem das meninas, até que nota algo estranho na árvore, um ressaltar do tronco.

MÉFRI - Ray eu tô te vendo. Encantada!

RAY pula da árvore e saem correndo para bater no local da contagem para ver quem ganha. Méfri ganha

RAY - Ah sabe tudo, tudo, tudinho. (indignada) Eu tinha certeza que seria a última a ser encontrada.

Seguem procurando as outras. Se deparam com uma sobressaliência no chão. ISIS está embaixo de uma grande folha de bananeira com cara de peixe morto.

MÉFRI - Isis eu tô te vendo. Encantada!

Isis não responde

RAY - A sabichona já te viu ISIS, pode parar de fingir.

Isis não responde

MÉFRI - Ela tá fingindo. É boa nisso.

Faz cócegas na Isis que não responde. Começam a ficar preocupadas.

RAY - Faz isso não menina, a gente não consegue ficar sem você.

Um silêncio de medo começa a tomar conta do ambiente. Isis de súbito levanta e sai correndo dando risada e se salva da brincadeira. MÉFRI fica chateada, ISIS e RAY acham engraçado. Começam a procurar Inê.

MÉFRI - Agora só falta você! Vou te achar Inê. As outras foram fácil, fácil.

Procuram por um tempinho.

ISIS - Ué, cadê Inê?

RAY - Ah, tá imitando a Isis, é?

Silêncio

ISIS - Aqui ela não tá, tenho certeza. Não tem onde ficar.

MÉFRI - Ué vamos ver ali do lado.

Saem de cena procurando Inê.

CENA 5 - O ENCONTRO COM AS ENCANTADAS

Inê, que havia fugido da brincadeira, chega à beira da rio, senta e se enrola em seu manto, observando as águas. Pouco tempo depois, aparece uma onça que se aproxima dela e chega bem perto cheirando a menina. Inê paralisa de medo, mas num ímpeto, se esconde debaixo do manto. A onça simplesmente senta ao lado dela. Inê olha por um burquinho e vê que a onça está sentada. Sem acreditar, vai saindo aos poucos do seu esconderijo e percebe que a onça observa a rio. É um misto de medo, curiosidade e admiração por aquele animal tão temido. Inê passa a olhar a rio também. Em determinado momento elas se olham. Apenas se encaram

por alguns segundos eternos, até que a onça começa a lentamente se afastar e some.

Inê fica ali, sem entender nada. Embasbacada.

Começa a ouvir ao longe alguém cantarolando. É a pescadora.

PESCADORA – *Beira mar, beira mar novo, foi só eu é que cantei, ó beira mar, adeus dona, adeus riacho de areia.*

Pescadora aparece e surpreende Inê.

INÊ - Ah, que bom que eu te encontrei, era com você mesmo que eu queria falar!

A pescadora, sem dar bola para a menina, pousa seus apetrechos de pesca no chão, e começa a examinar o local, mais precisamente, começa a farejar, parece estar sentindo o cheiro de algo.

PESCADORA – To sentindo cheiro de onça.

INÊ – Nossa, como você adivinhou?

PESCADORA – Eu conheço o cheiro dela. Já a encontrei várias vezes.

INÊ – Por que ela não me atacou? Ela veio, me cheirou, sentou olhando pra rio, depois me encarou e foi embora. Fiquei sem entender... acho que eu tive sorte né!

PESCADORA – Teve! *Desconversando:* Mas por que você estava me procurando, menina?

INÊ - Você me leva do outro lado da rio?

Pescadora fica surpresa e desconversa novamente. Pega sua rede.

PESCADORA - Olha só o que veio na minha rede hoje? (*mostra uma planta comprida*) Sabe o que é isso?

INÊ - Uma planta

PESCADORA - É uma planta que também queria atravessar a rio. Você imagina como?

INÊ - Ela vai crescendo, não é?

PESCADORA - Mas embaixo da água?

INÊ - É! Num é?

PESCADORA - Pode ser, mas essa planta é de terra e ela quis atravessar a rio assim como você, mas sem querer eu a peguei na rede. E aí a viagem dela acabou. Você não tem medo da sua travessia ser assim?

INÊ – Não. Você conhece a rio, não conhece?

PESCADORA – Conheço, mas mesmo assim, são léguas de dias pra encontrar a outra margem... Mesmo assim você quer?

INÊ - Quero.

PESCADORA - E por que, hein, menina?

INÊ - Eu preciso desenterrar o inventário da mãe Maria. Porque eu ganhei esse manto e preciso continuar tecendo nele, mas eu acho que só vou aprender a tecer, quando encontrar esse inventário.

A pescadora pensa um pouco.

PESCADORA- Vamos, menina. Vamos atravessar a rio.

INÊ – Jura? Você vai me levar?

PESCADORA - Eu sei que você vai dar um jeito de ir mesmo...então deixa que eu te levo.

Neste momento começa a chover.

PESCADORA – Bora, menina, vamos aproveitar que quando chove, a rio fica em festa!

Cantam:

*Beira mar, beira mar novo
Foi só eu é que cantei
Ó beira mar, adeus dona
Adeus riacho de areia*

Enquanto começam a cantar, pescadora puxa seu barquinho e começam a navegar.

Continuam cantando:

*Vou descendo rio abaixo
Numa canoa furada
Ó beira mar, adeus dona
Adeus riacho de areia*

*Arriscando minha vida
Por uma coisinha de nada
Ó beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia*

*Adeus, adeus, toma adeus
Eu já vou-me embora
Eu morara no fundo d'água
E não sei quando voltarei
Eu sou caneira*

*Rio abaixo rio acima
Tudo isso eu já andei
Ó beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia*

*Ó beira-mar, adeus dona,
Adeus riacho de areia*

Chegam à outra margem do rio.